

entre textos

entre textos

33

EDUCAÇÃO NO CAMPO E AS CLASSES
MULTISSERIADAS – UM ENFOQUE NO CURRÍCULO

Wellington Magnolia Lacerda Leite de Andrade

Janeiro de 2011

UNIVERSIDADE LUSÓFONA
| Instituto de Ciências da Educação



Wellington Magnolia Lacerda Leite de Andrade

Doutoranda em Educação na ULHT

EDUCAÇÃO NO CAMPO E AS CLASSES MULTISSERIADAS – UM ENFOQUE NO CURRÍCULO MULTICULTURAL

Resumo

A Educação no campo vive um estágio de precariedade no Brasil. E neste cenário, as classes multisseriadas são implantadas de forma a improvisar um sistema que deveria ter investimentos não apenas de infra-estrutura, bem como de qualificação docente e formação crítica no currículo destes profissionais. Neste processo, o currículo multicultural surge como uma alternativa de enriquecimento e embasamento para inserção da diversidade cultural no ambiente escolar, o que acaba por promover a inclusão no ambiente escolar e social. Assim sendo, o presente artigo tem como objetivo não apenas explicar sobre a realidade da educação no campo e a implantação das classes multisseriadas, como principalmente argumentar sobre a importância e influência do currículo multicultural no contexto escolar. Para tanto, em termos metodológicos, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória acerca do tema, tendo como base a análise qualitativa, sob o cunho interpretativo das informações. Por fim, pudemos considerar a relação do currículo multicultural como uma ferramenta de extrema influência na formação de uma sociedade mais integrada, a partir de suas funções no discurso crítico e centrada na discussão de novas ideias consubstanciadas na realidade de cada comunidade do campo.

Palavras-Chave: Educação no Campo; Contexto Escolar; Classes Multisseriadas; Currículo Multicultural.

Abstract

RURAL EDUCATION AND MULTIGRADE CLASSES - A FOCUS ON MULTICULTURAL CURRICULUM

Education in the field is in a precarious stage in Brazil. And in this scenario, the multigrade classes are deployed in order to improvise a system that not only should have investments in infrastructure, as well as teacher qualification and training in the curriculum of professional criticism. In this case, the multicultural curriculum emerges as an alternative

basis for integration and enrichment of cultural diversity in the school environment, which ultimately promote the inclusion in school and social environment. Therefore, this article aims to explain not only about the reality of education in the field and the implementation of multigrade classes, but mainly to discuss the importance and influence of the multicultural curriculum at the school. To do so, in terms of methodology, we used a literature search and exploratory on the subject, based on qualitative analysis, in interpretative nature of information. Finally, we consider the relationship of multicultural curriculum as a tool of extreme influence in the formation of a more integrated society, from their functions in critical discourse and focused discussions on new ideas embodied in the reality of every community in the field.

Key Words: Rural Education; School Environment; Multigrade classes; Multicultural Curriculum.

Introdução

A Educação no Campo tem sido tema de diversos estudos no contexto da educação no Brasil. E o que tem se percebido ao longo destas pesquisas são as dificuldades encontradas nestas regiões para ter alcance ao direito de uma educação de qualidade para os jovens camponeses.

As classes multisseriadas são a realidade frequente neste contexto. São compostas por alunos em uma mesma sala de aula, porém, de níveis de aprendizagem, idades e séries diferentes, o que, por um lado, ajuda quanto a sistematização de algumas escolas com poucos alunos, mas que acaba por interferir na qualidade do ensino, principalmente pela diferença de conteúdos trabalhados e graus de dificuldades apresentadas pelos alunos e conseqüentemente o efetivo acompanhamento a estes, que atenda suas necessidades.

É preciso imediatas mudanças no cenário da educação, principalmente no campo. E para se construir novos paradigmas no ambiente escolar há uma necessidade de descaracterizar o modelo neoliberal existente, que exclui grande parte da população, principalmente da zona rural, onde tudo parece chegar com atraso. Neste propósito, buscase pela reconstrução de uma sociedade inclusiva, independente de culturas ou classes sociais.

O currículo multicultural é mais que uma formação crítica estabelecida na inserção de diversas culturas. No contexto destes velhos modelos de metodologia aplicada ao conteúdo em sala de aula, é preciso que se respeite e que se dê mais atenção ao que de fato procede na realidade de cada comunidade. Ou seja, a multiculturalidade versa por uma formação embasada no enriquecimento sob a construção de novas culturas pautadas na inclusão educacional e social.

Neste sentido, o presente estudo é voltado para abordar a realidade da educação no campo e as classes multisseriadas, com ênfase no currículo multicultural, de modo que abarque vários pontos que evidenciam sua importância na necessidade de mudança neste cenário de precariedade da educação e exclusão nas escolas.

1. Educação no Campo

O campo configura-se, muitas vezes, como espaço isolado, imerso em indeterminações. Este lugar está, no entanto, em movimento. Os sujeitos deste espaço estão buscando resgatar o que lhes foi negado e usurpado. Nas lutas e tensões, vem sendo gestada uma nova escola que pretende ser a escola do campo. Uma escola que é construída pela comunidade e por organizações civis que se unem em torno da luta pela reforma agrária no Brasil.

Segundo Mendonça (1997, p. 21):

A ação educativa implícita nos programas e projetos desenvolvidos nas áreas rurais, parte muito vezes de uma falsa noção do que costuma chamar demora cultural. Para os formuladores dos programas, este fenômeno cultural se refere àquelas regiões do tipo pré-capitalista. Os programas buscam integrar e modernizar o campo para resolver as exigências de desenvolvimento do país, [...] possível, que isso venha a mudar a partir de uma política de desenvolvimento nacional que leve em consideração as características específicas da zona rural.

Um ponto crucial e desafiador para os atores comprometidos com a oferta de uma escola bem estruturada, professores capacitados, e, conseqüentemente, uma educação pública de qualidade é alcançar o caráter universal da Educação Básica e sua valorização como direito em si, o que implica garantia de acesso, estabilidade e comprometimento com os alunos na escola. A oferta da Educação nas escolas do campo deve condizer, portanto, na prática, com um dos princípios que a inspiram: o reconhecimento social da infância e da adolescência como sujeitos plenos de direitos.

Neste cenário a condição de sujeitos que almejam uma educação de qualidade para a nova geração do campo, tem nos seus trabalhadores rurais e descendentes a consciência de qual escola querem e dos conteúdos intelectuais e morais que ela deve produzir e transmitir:

[...] a escola deveria preparar o aluno para não aceitar essa situação onde poucos têm muito e a maioria não tem nem o que comer [...] sei que é difícil, mas a escola devia se preocupar com o trabalho da gente, que dá duro todo dia; penso que as professoras e os trabalhadores juntos podiam fazer uma escola diferente. (Damasceno, 1998, p. 140)

As transformações ainda em curso nas escolas públicas do campo, em consequência das novas exigências constitucionais, estão ainda por serem avaliadas na sua essência e efetivo enfrentamento. Estudos sobre tantos outros aspectos dessas escolas continuam

sendo desenvolvidos, porque os problemas que os motivam persistem. Desse modo, dentro da relativa escassez que caracteriza os estudos no campo, há uma certa abundância de trabalhos que mostram a precariedade das condições físicas da escola rural e intelectuais da educação do campo.

A escola pode ser uma alternativa para o trabalhador do campo, colaborando com uma formação cultural destinada à transformação social. Um dos ingredientes fundamentais na constituição desta gestação foi a incorporação da luta pela escola no Movimento dos Sem Terra - MST. Nessa luta, foi-se percebendo que a escola tradicional não tem lugar para os sujeitos sem terra e os outros sujeitos do campo, seja porque não permite seu ingresso, seja porque sua organização e fundamentação pedagógica desrespeitam ou desconhecem a realidade do campo (Caldart, 2004).

Segundo Fragoso¹ (2001), no início, o MST reivindicava o direito à escola, entendendo que a educação é responsabilidade do Estado. Contudo, professores alheios ao movimento, à luta pela reforma agrária, muitas vezes representavam um problema porque traziam para as escolas ideias preconceituosas ou acabavam incentivando a ida dos jovens para as cidades. Isto levou à primeira preocupação fundamental do movimento sobre a necessidade de tomar a educação nas mãos. Fazia-se necessário uma educação para o trabalhador do campo. Iniciou-se, assim, uma organização da escola em parceria com as universidades para atender aos objetivos do campo.

2. Classes Multisseriadas

As Classes Multisseriadas são bastante comuns nas áreas rurais, e se caracterizam pela formação de turmas compostas por alunos de séries diferentes. É uma organização escolar que se sustenta pelo esforço de professores que ensinam aos alunos de forma artesanal, trabalhando na verdade como verdadeiros ambulantes em trânsito entre um aluno e outro.

Filho (2006, p.77) explicita que sobre esta abordagem, no período colonial:

[...] Embora precárias e inconstantes, existiam escolas instaladas pelo governo. Em face da descontinuidade do seu funcionamento, estrutura oficial de ensino apresentou resultados de reduzido alcance social. Entre as razões que determinaram esse resultado encontram-se as distâncias entre escolas localizadas nas cidades e vilas, e a maioria da população localizada nas fazendas bem como a inadequação da estrutura de ensino [...]. Deste modo surgiram formas alternativas de ensino que funcionavam no espaço privado.

Nesse contexto, percebe-se que as classes multisseriadas surgiram para atender a um problema peculiar na zona rural. Uma situação que surge não como forma estrutural do falta de investimento e exclusão não apenas social, como parcialmente pela negligência à e valorizados.

No Brasil, principalmente na região nordeste, há um considerável número predominante de escolas com a sistematização de turmas multisseriadas. A escola inserida no campo geralmente é vista em um segundo plano e, conseqüentemente, como resultado, é negado ao trabalhador rural o acesso aos avanços ocorridos nas duas últimas décadas, no reconhecimento e garantia do direito à educação básica.

É imprescindível, portanto, que haja investimentos nestas escolas com turmas multisseriadas, que sejam reconhecidas, pois representam uma oportunidade valiosa para milhões de brasileiros. Estas instituições não representam simplesmente um espaço constituído por salas de aula avulsas no meio rural brasileiro, são, sobretudo, uma das grandes riquezas deste povo, o qual merece investimentos para a promoção de um ensino de qualidade, com professores qualificados e decentemente remunerados e reconhecidos.

Todavia, o que se tem visto na prática é uma educação com tendência a favorecer os pressupostos da classe urbana numa visão de homogeneização acerca do espaço rural-urbano. Este fato se comprova pelos ranços que geram a perspectiva de que a escola construída no meio rural deva ser a típica escola urbana tradicional, ou seja, com objetivos alheios ao desenvolvimento sustentável da educação, sobretudo humano, no meio rural.

3. Currículo

Cada vez mais se percebe a necessidade de uma série de adaptações no currículo, conforme as mudanças de um mercado cada vez mais exigente. Neste cenário, este holerite deve se alicerçar na formação crítica de cidadãos comprometidos com a diversidade cultural. Ou seja, antenados com a pluralidade e globalização.

Construir o currículo é intervir, questionar, problematizar no sentido de uma prática performativa, isto é, não na perspectiva da eficiência dos resultados, dos procedimentos algorítmicos, mas numa abordagem que "nos revele um espaço narrativo que evidencie o contexto e os aspectos específicos, ao mesmo tempo em que reconheça os modos pelos

quais tais espaços estão impregnados por questões de poder" (Giroux e Shannon, 1997, p. 04 citado por Pacheco, 2001, p. 64).

Gloria Ladson-Billings² (2000, p. 167), nos estudos da teoria crítica da raça, afirma que o "currículo é uma forma de propriedade [...] a metáfora da propriedade se adapta muito bem a toda educação. Tudo que existe sobre escola existe sobre propriedade, seja intelectual, social ou culturalmente, ou seja, sobre a propriedade real".

Neste aspecto, Pacheco (2001, p.55) diz que:

Torna-se fácil não só dizer que o currículo é um texto de poder, subordinado às políticas de identidade, às políticas de resistência e às políticas culturais, mas também reconhecer as vozes contraditórias existentes no seu processo de desenvolvimento. Torna-se ainda fácil partilhar a ideia de que o denominador comum da ação do educador é a democracia e esta pode tornar-se consensual, mesmo que politicamente os projetos sejam diferentes. Mais difícil é fazer com que este ideário seja uma realidade nas escolas, sobretudo nas escolas dos ensinos básico e secundário que tão bem conhecemos enquanto alunos, mas que ignoramos como professores.

Desta forma, percebe-se ainda que há, em grande parte das escolas brasileiras, um caráter excludente, decorrente dos currículos tradicionais que acabam por promover e/ou permitir as desigualdades sociais. Esta situação ocorre devido ao trabalho desenvolvido com padrões culturais distantes das realidades dos alunos, o que acaba por resultar em reprovação e evasão de inúmeros estudantes. É preciso não apenas estabelecer novas prescrições para as escolas, como principalmente criar novas diretrizes capazes de inovar o currículo e adaptá-lo a uma identidade narrativa, não prescritiva.

Goodson afirma (2007, p. 242) que:

[...] o currículo como prescrição sustenta místicas importantes sobre estado, escolarização e sociedade. Mais especificamente, ele sustenta a mística de que a especialização e o controle são inerentes ao governo central, às burocracias educacionais e à comunidade universitária. Desde que ninguém desvele essa mística, os mundos da "prescrição retórica" e da "escolarização como prática" podem coexistir. Ambas as partes podem beneficiar-se dessa coexistência pacífica. As agências do CAP são vistas como estando no "controle" e as escolas são vistas como "distribuidoras" (e podem conquistar um bom grau de autonomia, se aceitarem as regras). Desse modo, as prescrições curriculares determinam alguns parâmetros, mas algumas transgressões ou transcendências ocasionais são permitidas, desde que a retórica e o gerenciamento das prescrições não sejam desafiados.

O autor defende, na verdade, que o currículo foi basicamente inventado como um conceito para dirigir e controlar o credenciamento dos professores e sua potencial liberdade nas salas de aula. Ao longo dos anos, a aliança entre prescrição e poder foi cuidadosamente

² Professora do Departamento de Currículo e Ensino (*Curriculum and Instruction*) da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos, e uma intelectual internacionalmente respeitada por seus trabalhos no campo do Currículo e Educação Multicultural.

fomentada, de forma que o currículo se tornou um mecanismo de reprodução das relações de poder existentes na sociedade. As crianças cujos pais são poderosos e ricos se beneficiam da inclusão pelo currículo e os menos favorecidos sofrem a exclusão pelo currículo (Goodson, 1995).

Para Silva³ (2000, p. 155), "o currículo é lugar, espaço, território. O currículo é uma relação de poder. O currículo é trajetória, percurso. O currículo é autobiografia, a nossa vida, [...] no currículo forja-se a nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade". Porém, e porque o currículo também é um espaço de conflitos, onde se entrecruzam lógicas bem diferentes, "será sempre polêmico aplicar ao mundo da escolaridade um conjunto de pressupostos prévios que não reflitam a natureza dessa mesma escolaridade e não ponderem a função social, política e cultural da educação" (Pacheco, 1996, p. 42).

3.1 Currículo Multicultural

A abordagem sobre o multiculturalismo e suas implicações curriculares é de grande contribuição para o desenvolvimento de estratégias e alternativas didáticas e curriculares, na tentativa de distinguir e compreender as diversas culturas dentro de um contexto educativo e, conseqüentemente, incluir na sistematização organizativa dos currículos os princípios multiculturais.

O multiculturalismo é uma realidade que impõe novas responsabilidades à escola e aos professores. Longe de construir um obstáculo ou um problema, a diversidade é uma riqueza. A existência de alunos com diversas heranças culturais obriga a escola a adaptar seu currículo às culturas que acolhe. Em geral, a pertença a um determinado grupo configura-se em identidade cultural (Hall, 1999).

Neste contexto, Silva (2004) afirma que o currículo é um "documento de identidade", sendo assim, se compactuarmos com a concepção de um Currículo Multicultural, onde os diversos sujeitos do processo são respeitados e valorizados, compactuaremos com uma concepção onde tudo o que compõe esse currículo deveria estar "recheado" dos saberes daquela comunidade na qual a escola está inserida.

A ideia de um currículo multicultural está intimamente ancorada na teorização crítica e pós-crítica do currículo. Essa discussão multicultural teve início, assim, nos discursos curriculares contrários às ideias tradicionais de currículo. A teoria tradicional do currículo

³Reconhecido na América Latina como um dos maiores estudiosos do currículo no Brasil com vasta contribuição para a práxis educativa. O autor defende os Documentos de Identidade como um importante trabalho para aqueles profissionais da educação que organizam os currículos escolares.

enfaticava a competitividade, a produtividade e eficiência como atributos curriculares, a escola, dentro dessa perspectiva, tornava-se uma grande fábrica de produtos padronizados, estabelecendo uma relação espaço-tempo baseada no funcionamento de uma fábrica. O principal idealizador desse currículo foi Bobity (1918), influenciado pelos estudos tayloristas de administração. Para ele “o currículo é visto como um processo de racionalização de resultados educacionais, cuidadosa e rigorosamente específicos e medidos”.

Moreira e Candau (2003) explicam que a adoção de um currículo multicultural torna-se necessária se desejarmos, efetivamente, a superação dos problemas trazidos com as ações educativas voltadas para a integração e o atendimento à diversidade. Esse fato pode ser verificado em diversas situações: ao ter que escolarizar os descendentes dos migrantes ou incorporar representantes das minorias discriminadas, a escola se vê frente à atipicidade de contar com alunos de costumes, formas de pensar e valores que contrastam com a cultura que é reproduzida pelos currículos uniformes dos sistemas educacionais.

Assim sendo, em uma sociedade preconceituosa, onde há espaço para terrorismo, bullying e discriminações das mais diversas naturezas, a ênfase e demanda em relação ao currículo multicultural é bastante avantajada. É, pois, importante que os profissionais, principalmente professores, como formadores de opinião, tenham uma concepção multicultural presente na essência do seu discurso crítico.

3.1.1 A escola e o currículo multicultural

A relação entre a escola e o currículo multicultural se faz presente no estudo que envolve o enfoque da diversidade cultural que perpassam na escola, na questão didático-metodológica referente às diferenças e no reconhecimento das peculiaridades de cada cultura como parte integrante do contexto escolar de saberes e práticas docentes.

Neste contexto, as questões multiculturais no currículo escolar vêm ocupando um espaço mais extenso nas discussões teóricas e como temática a ser discutida nas escolas. Como campo teórico se constitui amplamente sob uma tentativa de compreender o processo de construção das diferenças dentro da diversidade cultural que se apresenta em sociedades plurais, no pressuposto de superar preconceitos e reducionismos culturais. É perceptível que “tornou-se lugar-comum destacar a diversidade das formas culturais do mundo contemporâneo” (Silva, 2004, p.85.).

Neste sentido, este novo modelo de currículo precisa estar coerente quanto à verdadeira identidade dos preceitos predeterminados no novo cenário da sociedade atual e que, conseqüentemente, são refletidos no ambiente escolar. Isto mostra o quanto é importante que haja uma mudança no currículo prescritivo para que este se enquadre como uma identidade narrativa.

Sacristan (1995) propõe que o currículo multicultural deva passar por um tipo de análise de conteúdo pela comunidade a qual se encontra envolvida no processo de ensino. Essas informações devem privilegiar os conhecimentos de todos, inclusive das minorias para que seus interesses sejam também levados em consideração. Através desta estratégia, os conteúdos de ensino integrantes do currículo, divididos em diversas disciplinas, propagam um objetivo bastante formativo no contexto escolar, ou seja, apresentam um propósito relativamente social e político. Assim sendo, “a política curricular, metamorfoseada em currículo, efetua, enfim, um processo de inclusão de certos saberes e de certos indivíduos, excluindo outros” (Silva, 2001, p.11).

No geral, podemos sistematizar a organização curricular quando à tomada de decisões, no propósito de que a escola se transforme em um meio capaz de discutir sobre intenções e ideias protestadas e divergentes. Afinal, a importância político-social do currículo multicultural é uma excelente oportunidade para o estabelecimento de uma cultura inclusiva na escola.

Metodologia

A metodologia utilizada em pesquisas trata-se de uma ferramenta básica e estratégica da ciência em sua busca por respostas ainda não descobertas ou incompletas.

Conforme Minayo (2003, p. 16), “a metodologia de pesquisa é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade.”

Neste contexto, o presente artigo baseou-se em uma pesquisa bibliográfica bem como exploratória, acerca das Classes Multisseriadas, a Educação no Campo e o Currículo Multicultural. Para tanto, como material de consulta e aprofundamento sobre o tema utilizamos: Internet, Revistas, Livros e Artigos publicados.

Qualquer estudo científico supõe e requer uma prévia pesquisa bibliográfica, seja para sua necessária fundamentação teórica, ou mesmo para justificar seus limites e para os próprios resultados. Cervo e Bervian (1996, p. 48) afirmam que:

[...] a pesquisa bibliográfica é meio de formação por excelência. Como trabalho científico original, constitui a pesquisa propriamente dita na área das Ciências Humanas. Como resumo de assunto, constitui geralmente o primeiro passo de qualquer pesquisa científica.

É por meio da pesquisa bibliográfica que o pesquisador faz contato direto com tudo o que foi publicado, dito, filmado ou de alguma outra forma registrado sobre determinado tema, inclusive através de conferências seguidas de debates.

Quanto à Pesquisa Exploratória, Andrade⁷ (2003, p. 124) afirma que:

A pesquisa exploratória é o primeiro passo de todo trabalho científico e, tem por objetivo aprofundar o conhecimento sobre determinado assunto, facilitar o entendimento do problema pesquisado e avaliar a possibilidade de desenvolver uma boa pesquisa. Através da pesquisa exploratória busca-se conhecer os aspectos que envolvam toda a temática relacionada à pesquisa, ou seja, esse é o procedimento preliminar para a preparação de um outro tipo de pesquisa.

Assim sendo, como propósito metodológico, a ideia foi de observar e analisar as informações obtidas sobre o tema, podendo ser realizado um estudo mais desenvolvido e rico em informações sobre o assunto, principalmente, em relação ao currículo multidisciplinar, que se apresenta como uma ferramenta bastante importante no contexto educacional brasileiro.

Por fim, a análise das informações obtidas através da pesquisa bibliográfica deu-se de forma qualitativa, já que não utiliza dados estatísticos ou numéricos, e busca apenas uma compreensão detalhada dos significados e características apresentadas pelos autores.

Neste contexto, Godoy (1995, p.58) explicita algumas características principais de uma pesquisa qualitativa, as quais embasam também este trabalho:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados é realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, tem como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados.

Conforme relatou o autor, a pesquisa qualitativa não procura, portanto, enumerar e/ou medir de forma quantitativa os fenômenos estudados. Ou seja, não há emprego de

instrumento de coleta de dados de forma estatística, envolve apenas o recolhimento de dados descritivos sobre pessoas, lugares e/ou processos interativos, com o intuito de se compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos do enfoque pesquisado.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto no presente artigo, podemos refletir sobre a precariedade a qual se insere grande parte das turmas multisseriadas nas escolas do campo. E neste cenário, cabe ressaltar a importância de se buscar políticas públicas com investimentos na infraestrutura e, principalmente na educação, de forma inclusiva. E, para tanto, a contribuição do currículo multicultural se dá através do respeito às diferenças raciais e sociais, culturais, étnicas, de gêneros e outras. Ou seja, introduzir o currículo multicultural no ambiente escolar é opor-se ao etnocentrismo, formar cidadãos que possam construir e preservar princípios básicos de uma sociedade realmente inclusiva.

Nessa proposta de inserção do currículo multicultural como elemento essencial no papel de respeito, compreensão e aprendizagem no processo de diversidade cultural, a escola poderá elaborar um currículo que se desdobre na problematização dos temas sociais da atual realidade, os quais envolvem preconceitos e exclusão de culturas, principalmente, das classes sociais e regiões menos privilegiadas. E muito embora, a escola não seja o único espaço de integração social, o meio escolar poderá instigar a reflexão sobre a consciência da necessidade dessa uniformidade. Para tanto, todos precisam ter a oportunidade de acesso a ela, e possibilidade de nesta inclusão permanecer.

Portanto, deve ser uma teoria a ser disseminada nas instituições escolares. O currículo não deve servir como um elemento neutro diante das diferenças sociais, mas como uma ferramenta de conteúdos vastos quanto ao espaço e tempo, com teor político e ideológico, capaz de transformar as relações de soberania e poder tão frequentes no ambiente escolar.

Em suma, o currículo multicultural procura, como consequência, reverter a ideia de homogeneidade predominante nas escolas, tendo como objetivo construir uma nova cultura baseada em alguns dos efeitos positivos da globalização, como a inserção de novas culturas através da compreensão de conflitos e contradições. Assim, este processo será capaz de dar a acabar com um contexto histórico de vozes silenciadas, e apoiar o movimento de lutas por direitos.

Referências Bibliográficas

- Andrade, M. M. de. (2003). *Introdução à metodologia do Trabalho Científico*. 5.ed. São Paulo: Atlas.
- Caldart, R. S. (2004). *A Escola do Campo em Movimento*. In: Arroyo, M. G.; Caldart, R. S.; M., M. C. Por uma Educação do Campo. Petrópolis: Vozes.
- Cervo, A. L.; B., P. A. (1996). *Metodologia científica*. São Paulo: Makron Books.
- Damasceno, M. N. (1998). *O saber social e a construção da identidade. Contexto e Educação*, Ijuí, n. 38.
- Filho, A. C. (2006). *A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1850 – 1889*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves.
- Fragoso, M. B. (2001). *Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária: a responsabilidade social da universidade*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense: Departamento de Educação.
- Giroux, H. & S. P. (1997). *Education and Cultural Studies*. New York Routledge.
- Godoy, A. S. (1995). *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril.
- Goodson, I. F. (1997). Currículo, narrativa e o futuro social. *Rev. Bras. Educ.* (XII), 35, 121-143.
- Goodson, I. F. (1995). *The making of curriculum*. Falmer: London and New York: Falmer.
- Hall, S. (1999). Quem precisa de identidade? In: Silva, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Ladson-B, G. (2000). Entrevista com Glória L.-B. In C. A. Torres et al., *Educação, Poder e Biografia Pessoal. Diálogo com Educadores Críticos*. (pp. 155-168). Porto Alegre: Artes Médias.

- Mendonça, O. L. de. (1997). *Ensino-Aprendizagem de Ciências: produção científica e avaliação de programa*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Pós Graduação da Puc-camp, Campinas (SP).
- Minayo, M. C. de S. (2003). (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Moreira, A. F. e Candau, V. M. (2003). Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, 23, 156 -168.
- Pacheco, J. A. (1996). *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto: Porto Editora.
- Pacheco, J. A. (2001). Teoria curricular crítica: os dilemas (e contradições) dos educadores críticos. *Revista Portuguesa de Educação*, 14 (1), 49-71.
- Sacristán, J. G. (1995). Currículo e diversidade cultural. In: Silva, T. T e Moreira, A. F. B. (Orgs.) *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes.
- Silva , T. T. (2000). *Teorias do Currículo*. Uma Introdução Crítica. Porto: Porto Editora.
- Silva , T. T. (2001). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Silva , T. T. (2004). *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Autêntica: Belo Horizonte.